ISSN: 2358-8829

DO MANGUE À SALA DE AULA: A LEITURA DE MUNDO COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO E CRÍTICA SOCIAL PARA ALUNOS DO 4.º ANO

Maria Luiza Silva Melo[1]
Suellen Vitória de Oliveira Santiago [2]
Maria Camila Silva de Lima [3]

INTRODUÇÃO

Os anos iniciais do Ensino Fundamental representam uma etapa decisiva no desenvolvimento infantil, constituindo um período em que a criança vivencia a transição de vivências predominantemente sincréticas para o engajamento formal com o conhecimento sistematizado. Para além da consolidação da leitura, da escrita e das operações lógico-matemáticas, essa fase da Educação Básica desempenha um papel central no desenvolvimento socioemocional, no protagonismo discente e na construção da consciência cidadã. Diante dessa complexidade, a prática pedagógica exige do educador intencionalidade, sensibilidade e a capacidade de orquestrar diferentes modalidades de organização do trabalho pedagógico.

O presente trabalho deriva de um relatório final da disciplina de Prática Educacional, Pesquisa e Extensão — Anos Iniciais (PEPE-AI), do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). As observações e vivências investigadas foram realizadas em uma escola municipal situada no município do Recife–PE, focalizando o cotidiano da turma do 4.º Ano A e analisando a articulação entre o espaço escolar, os rituais de ensino, as dinâmicas de mediação docente e os processos de aprendizagem das crianças.

Sob o título “Do Mangue à Sala de Aula: A Leitura de Mundo como Ferramenta de Engajamento e Crítica Social para Alunos do 4.º Ano”, o estudo orienta-se pela

[1] Graduanda do Cursobde Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, luiza.silvamelo@ufrpe.br;
[2] Graduado pelo Curso dLicenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, suellen.vitoria@ufrpe.br;
[3]Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, marina.camila@ufrpe.br

premissa freiriana de que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. No contexto da rede municipal do Recife, em que o próprio território urbano e seus ecossistemas — como os manguezais — figuram como eixos articuladores do currículo, investiga-se como o conhecimento prévio dos estudantes é mobilizado no ensino de História, Geografia, Matemática e Língua Portuguesa.

Para fundamentar essa análise, recorre-se à noção de paradigma inovador do ensino proposta por Behrens (2003) e Libâneo (1994), bem como à teoria do desenvolvimento de Henri Wallon (MAHONEY; ALMEIDA, 2000; GALVÃO, 2023), que compreende a criança em sua integralidade (afetiva, cognitiva e motora) na transição da fase pré-categorial para o pensamento categorial. Assim, busca-se compreender de que maneira a dialogicidade, a mediação pedagógica e o trabalho com projetos contribuem para superar abordagens mecanicistas, promovendo um ensino significativo, inclusivo e voltado para a formação de sujeitos críticos e transformadores da sua realidade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo de abordagem qualiquantitativa, com caráter descritivo-exploratório, desenvolvido no âmbito da disciplina de Prática Educacional, Pesquisa e Extensão — Anos Iniciais (PEPE-AI)[4]. A coleta de dados foi realizada durante o período de imersão presencial na instituição escolar, entre os dias 2 e 6 de junho de 2025, acompanhando a rotina de uma turma do 4.º Ano do Ensino Fundamental do turno matutino.

Para a apreensão da realidade empírica, foram utilizados como instrumentos metodológicos: a observação participante direta em sala de aula e nos espaços coletivos da escola; o registro minucioso de ocorrências em diário de campo; a análise documental de planos de aula, registros de frequência e materiais didático-pedagógicos da turma; e entrevistas semiestruturadas com a equipe docente. Os dados quantitativos de frequência e uso de equipamentos foram organizados em quadros demonstrativos, enquanto os dados qualitativos foram submetidos à análise de conteúdo reflexiva,

[4] Disciplina contida na grade curricular do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, ofertada no 4º semestre.

correlacionando as evidências observadas em campo com os aportes teóricos da literatura pedagógica e psicopedagógica.

Em observância às diretrizes de integridade acadêmica, informa-se que este estudo contou com o auxílio de modelos de linguagem e inteligência artificial (IA) como ferramenta suplementar para a correção ortográfica, revisão pontual de sintaxe e aprimoramento da coesão textual. Ressalta-se que a tecnologia não foi empregada na concepção teórica, na coleta, no tratamento ou na interpretação dos dados empíricos, permanecendo a autoria e a responsabilidade pelo conteúdo final restritas aos pesquisadores.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para refletir sobre a centralidade do diálogo no processo de ensino-aprendizagem, é necessário recorrer à noção paradigmática do ensino, por ser a luz que determinará o olhar que o educador direcionará ao educando. Afinal, como constata Behrens (2003):

> O ensino como produção de conhecimento propõe enfaticamente o envolvimento do aluno no processo educativo. A exigência de tornar o sujeito cognoscente valoriza a reflexão, a ação, a curiosidade, a incerteza, a provisoriedade, o questionamento, e exige reconstruir a prática educativa proposta em sala de aula (BEHRENS, 2003, p. 55).

Ao enxergar o estudante como um sujeito de direito, singular e completo, observamo-lo com a lente do paradigma inovador. Esse paradigma alinha-se à abordagem sistêmica, progressiva e de pesquisa, rompendo com as estruturas tradicionalistas e mecanicistas da educação — que não consideram o aluno como sujeito pensante e crítico, mas como mero receptor do conhecimento a ser transmitido pelo educador.

Conforme essa perspectiva dialógica, o discente emerge como protagonista de sua própria aprendizagem, e seus conhecimentos prévios, assim como as concepções da realidade que o cerca, são considerados. O diálogo, nesse contexto, transcende a mera troca de palavras, convertendo-se em uma ferramenta pedagógica poderosa: um espaço de escuta ativa, de respeito mútuo, de construção conjunta do conhecimento e de desenvolvimento do pensamento crítico.

ISSN: 2358-8829

Ao se reconhecer o caráter inovador da instituição escolar, compreende-se que ele se manifesta por meio da "escolarização básica que possibilita aos indivíduos aproveitar e interpretar, consciente e criticamente, outras influências educativas", como destaca Libâneo (1994, p. 18). Desse modo, o diálogo entre professor e aluno constitui a pedra angular do processo de ensino-aprendizagem humanista — centrado no estudante, respeitoso e promotor do desenvolvimento integral.

Considerando a importância da dialogicidade no processo educativo, é pertinente abordar tais processos utilizando o arcabouço da teoria de Henri Wallon. Ao compreender a criança de 6 a 11 anos — correspondente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental — como um ser de direitos e reconhecer a fase na qual se encontra, o educador pode direcionar melhor seu trabalho pedagógico.

Nos anos iniciais, a criança chega com uma bagagem rica de experiências predominantemente sincréticas, em que o emocional, o motor e o cognitivo se entrelaçam de forma indissociável. A primeira fase desse estágio, denominada pré-categorial, perdura, conforme Mahoney e Almeida (2000), dos 6 até, aproximadamente, os 9 anos, sendo marcada pelo sincretismo; já o pensamento categorial corresponde à "capacidade de formar categorias, ou seja, de organizar o real em séries, classes, apoiados sobre um fundo simbólico estável" (GALVÃO, 2023, p. 74).

Assim, o educador atua como mediador entre os conceitos e o estudante. Não se trata de uma imposição de categorias, mas sim de sua apresentação e estímulo para que o educando possa apropriar-se delas com cuidado e direcionamento. A dialogicidade manifesta-se por meio do questionamento, da escuta atenta, da afetividade (referente a tudo aquilo que afeta a criança), do levantamento de hipóteses e da formulação de indagações pelas próprias crianças. Diante disso, as práticas pedagógicas devem ser intencionalmente planejadas para auxiliar os estudantes a organizar o real, utilizando atividades variadas (como manipulação de objetos, jogos de classificação e exploração de linguagens) que unam o "fazer" e o "refletir".

O diálogo constante permite que as crianças verbalizem critérios, confrontem ideias e internalizem categorias significativamente, compreendendo o erro como uma oportunidade de aprendizagem. Ao promover o desenvolvimento do pensamento categorial — marcado pela busca de conhecer o mundo e se reconhecer como sujeito

ISSN: 2358-8829

transformador na sociedade —, o educador contribui decisivamente para o avanço cognitivo e a formação integral da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na escola, os estudantes do 4.º ano compartilham os espaços com as demais turmas dos anos iniciais, localizando-se a sala de aula entre os ambientes do 5.º ano, do refeitório e da cozinha. A rotina do grupo é estruturada também por horários fixos de uso dos espaços coletivos: às segundas e quartas-feiras, no primeiro horário, a turma utiliza a quadra poliesportiva, enquanto o acesso aos Chromebooks ocorre integralmente ao longo da segunda-feira.

Quadro 1 — Horários de utilização da quadra e do Chromebook pelo 4.º ano.

Horário	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
07:40 — 08:10 / 13:10 — 13:40	4.º ano	—	4.º ano	—	—
Chromebook (o dia todo)	4.º ano	—	—	—	—

O início do dia letivo é marcado por procedimentos específicos de acolhimento e organização. Na sala, a disposição das carteiras ocorre em fileiras duplas, com exceção de um pequeno grupo de cinco estudantes em processo de alfabetização. A frequência registrada ao longo das observações deu-se como ilustrado no seguinte quadro:

Quadro 2 —Frequência da semana

Total de Estudantes Matriculados	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
26	23	22	19	23	24

Mensalmente, no primeiro dia útil, a professora realiza o “mapeamento da sala” com a intenção pedagógica de promover o desenvolvimento de habilidades em conjunto, fundamentando-se na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Lev Vigotski. Nos demais dias, os alunos conversam por cerca de dez minutos após a chegada, enquanto a docente organiza os materiais. Aqui, a rotina diária não é registrada

ISSN: 2358-8829

por escrito no quadro-negro; a aula é regida por combinados e o planejamento do dia é comunicado verbalmente pela professora no início das atividades.

A introdução dos conteúdos curriculares é conduzida em duas etapas principais: primeiramente com o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes e, em seguida, com a retomada de conceitos aprendidos anteriormente e a contextualização do tema central. No ensino de História, seguindo a diretriz da Prefeitura do Recife, que estabelece o município como eixo norteador dos conteúdos, a educadora utiliza o livro didático para abordar temas gerais, como a chegada dos portugueses ao Brasil, e elabora ou seleciona fichas de leitura e exercícios que adaptam esses conteúdos à realidade e à localidade onde as crianças residem.

A prática e a abordagem pedagógica na turma caracterizam-se pela diversidade de estratégias e pela mediação ativa da educadora. Além de realizar correções coletivas, a professora busca manter um ambiente de aprendizado leve por meio da escuta atenta e do bom humor, intercalando esses momentos com posturas de firmeza quando necessário. A adaptação das atividades garante a inclusão de todos os estudantes, inclusive daqueles em processo de alfabetização, trabalho este desenvolvido em conjunto pela professora regente, a Agente de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial (AADEE) e a docente de aula-atividade. Às quintas-feiras, dia em que a regente se ausenta para planejamento e formação, a turma é acompanhada por uma professora substituta que dá continuidade aos conteúdos programados. Fora da sala, a regente atua no projeto “Avança Recife”, auxiliando crianças em atividades de reforço escolar de segunda a quarta-feira. Embora a utilização de dramatizações e recursos audiovisuais pelas crianças não tenha sido diretamente presenciada na imersão, tais práticas constavam no planejamento docente da semana.

Ao término do período de recreação, a professora dedica aproximadamente cinco minutos para que as crianças possam se acalmar e retomar a atenção antes de dar seguimento ao planejamento do dia. O encerramento da aula ocorre com a organização das últimas tarefas e a orientação para os momentos finais do turno.

Sob a perspectiva teórica das abordagens pedagógicas inovadoras, a prática docente na turma se traduz na busca por uma formação integradora, plural e completa, que utiliza os conhecimentos prévios dos alunos para contextualizar o aprendizado. Mesmo diante de episódios pontuais de indisciplina ou falta de atenção, estimula-se a autonomia e o engajamento por meio de debates e correções coletivas. Destaca-se o uso

ISSN: 2358-8829

constante da metodologia de projetos na turma, incluindo o projeto "Cuidar do Recife é Cuidar do Mundo: natureza, memória e transformação" — voltado para a consciência ambiental, histórica e social —, um projeto sobre sustentabilidade com intercâmbio online com uma escola do Chile, e a confecção da revista "Quem disse o quê"[5], que discute as relações de poder no ambiente escolar.

Por fim, o ensino e a aprendizagem de História no 4.º ano fundamentam-se na contextualização e têm a interdisciplinaridade como pilar central. Antes da aplicação da avaliação da disciplina, a professora disponibilizou as fichas de leitura e de atividades trabalhadas anteriormente, reservando um momento para sanar dúvidas remanescentes. Essa atividade escrita funcionou como uma revisão estratégica alinhada a um processo avaliativo contínuo e gradual. A aplicação dessa prova pontual decorreu da percepção docente de que os estudantes ainda necessitavam consolidar os conceitos sobre a chegada — ou invasão — dos portugueses ao Brasil. O livro didático é empregado como ferramenta de contextualização em conjunto com as fichas de leitura locais. Durante o período de observação, os conteúdos históricos também foram integrados e trabalhados por meio da literatura, utilizando o conto "Os Músicos de Bremen", dos Irmãos Grimm.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão no cotidiano da turma do 4.º Ano A de uma Escola Municipal da cidade do Recife permitiu compreender as múltiplas dimensões que constituem a prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As observações evidenciaram que a sala de aula é um espaço dinâmico, heterogêneo e atravessado por constantes desafios convivenciais, cognitivos e socioemocionais, os quais exigem da equipe docente uma mediação flexível, intencional e acolhedora.

Os resultados demonstraram que o trabalho pedagógico desenvolvido na turma alinha-se, em grande medida, às premissas do paradigma inovador e humanista. A adoção da cidade do Recife e de seus territórios — como o ecossistema de manguezal — como eixo norteador dos conteúdos permitiu efetivar a transição "do mangue à sala de aula", valorizando a leitura de mundo dos estudantes e conectando os saberes escolares ao seu contexto sociocultural. Projetos como "Cuidar do Recife é Cuidar do

[5] A revista é o produto final da dissertação de mestrado da professora regente da turma.

Mundo" e a revista "Quem disse o quê" destacaram-se como ferramentas potentes de engajamento, cidadania e crítica social, estimulando as crianças a se reconhecerem como sujeitos ativos e pensantes.

Na perspectiva walloniana, a transição para o pensamento categorial expressou-se em práticas pedagógicas variadas, que uniram o "fazer" e o "refletir" — como a manipulação de materiais concretos na Geometria —, permitindo a internalização de conceitos e a ressignificação do erro como etapa natural da aprendizagem. Da mesma forma, o acompanhamento dos alunos em processo de alfabetização evidenciou a importância do trabalho colaborativo entre a professora regente, a docente de aula-atividade e a AADEE, garantindo a diferenciação pedagógica necessária para a inclusão de todos os estudantes.

Apesar dos episódios pontuais de dispersão e das tensões na gestão da convivência — em que a regulação emocional oscilou entre a escuta afetiva e recursos tradicionais de contenção —, a dialogicidade permaneceu como vetor central das relações interpessoais. Em suma, o estudo reitera a relevância da pesquisa e da observação empírica na formação inicial de professores, demonstrando que o ensino interdisciplinar, dialógico e contextualizado é o caminho fundamental para promover uma educação transformadora, respeitosa e comprometida com a formação integral da criança.

Palavras-chave: Leitura de Mundo; Educação Básica; Anos Iniciais; Engajamento; Crítica Social.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. O paradigma emergente na prática pedagógica. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2003.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MAHONEY, Abigail Alaires; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000.